

# Literária

## RATURA

### UMA FIGURA LITERÁRIA

## Fernando Pessoa

Fernando Pessoa, há dias falecido, foi uma das mais curiosas e complexas figuras literárias da sua época, e, também, da actual, pois o extinto, a pesar de certa sombra saudosista que o prendia ao passado, dava-se a entrever de quando em quando horizontes inatingidos.

Pode dizer-se, sem errar, que Fernando Pessoa não teve a pretensão de apregoar coisas e sentimentos encanecidos pelo tempo, nem tomou a sério certo lirismo mórbido tão de agrado dos invocadores de Alcácer Quibir.

A multiplicidade criadora do seu espírito levava-o, algumas vezes, a aceitar temas sem os sentir.

Por isso a obra que deixou não foi



Fernando Pessoa

uniforme, nem obedeceu a um pensamento construtivo. Todas as modalidades literárias lhe serviram para entretenimento do seu brilhante espírito.

Foi poeta, dentro de uma «maneira» que outros adoptaram para se celebrar; mas ainda de entre estes ele foi diferente e rebelde.

Onde, porém, o seu talento se afirmou em deduções calmas de crítica, foi nos seus trabalhos de análise, disciplinados, irrefutáveis. Um dos seus últimos artigos trouxera-lhe justificada aura popular, pela maneira como expôs o assunto versado, pela justeza crítica e argumentadora e soma valiosa de elementos polemistas.

A sua obra, contudo, não obedeceu a um sentido disciplinado nem orientador de uma doutrina ou de um pensamento edificante de amplos horizontes.

Mas, deixou uma obra que merece ser meditada e até julgada com elevação nos aspectos, porventura, contraditórios que, por vezes, oferece.

«O Diabo», envia à família de Fernando Pessoa, a expressão sentida do seu pesar, pela morte do Poeta e do Crítico.

### Concurso de cartazes

Faz parte do juri nomeado para a classificação dos cartazes enviados ao concurso promovido pela Sonarte, Lda., o ilustre escultor e nosso querido colaborador literário Diogo de Macedo.

notas explicativas a simples referências feitas pelas personagens. É isso o que impunha a unidade da acção.

A reunião secreta de alguns militares feita na véspera do movimento de 30 de Julho de 1934, reunião que o leitor espera seja a combinação de um plano a pôr em prática, troca de senhas à última hora, as últimas combinações de conspiradores, é uma pacata sessão com discursos de ideias que certamente aqueles cavalheiros com certeza já tinham ohegado a ter trocado muitos dias antes. Não valia a pena te-los estado a rapariga a escutar e apanhar, por causa disso, o tremendo susto que a deixou transida.

Mas, afóra isto que apontamos e que é provavelmente o que faz o autor chamar «documentário» ao seu romance, o resto é dado com vibração, colorido, facilidade de evocação das figuras, engenho na criação das situações dramáticas e naturaliza-

# JOANA D'ARC

— Continuação da página três —

buen a Joana não nos é mostrado, nem nas próprias batalhas. A tomada de Orleans é uma pequena escaramuça junto de uma estacaria de tóros de pinho. A santa miseranda é pois mais uma vez neste filme lamentável vítima das segundas intenções dos que especulam com a sua vida e o seu misticismo.

A película é feita toda de interiores inexpressivos, os próprios exteriores feito dentro do estúdio, resultando falsa, mas de um falso que é feio e pobre, e não o falso estético e intelectual de que Deeyer se serviu.

O julgamento que Shaw nos deu magistralmente, não se dá na fita. Finge que não houve julgamento sequer, talvez para enterrar a Igreja ainda mais. Da prisão vai para a fogueira e só sabe que vai quando avista os preparativos através das grades e um padre lhe pede que se arrependa de ser bruxa e hereje.

Tudo berra nesta fita. Dá a impressão que na Idade-Média tudo eram uivos, berros e guinchos. O irmão do rei, então é um desalmado, berra por todos os cantos. Quasi se explica a razão porque os ingleses a certa altura o marcam a fôgo, como a um bezêro...

Mente-se ali nos factos, mente-se até nos nomes das personagens, quasi todas inventadas.

Não se tratando de uma fidelidade histórica, trata-se ao menos de uma interpretação?

O cinema histórico, como o drama ou o romance históricos, só hoje o concebemos com função interpretativa. Já não se trata de «erguer» uma época, como Flaubert na «Salambô», mas sim «compreender» uma época.

À concepção da história objectiva de Taine opõe-se hoje a subjectiva que é sempre mais imparcial que aquela pois consegue ver para além da verdade exterior dos factos.

Isto não inclui, porém, a aprovação para os que torcem a história com outros fins que não sejam os da compreensão pura e simples de uma mais larga verdade histórica. «Corrigir» a História com fins de circunstância é trair não só sua missão como até a própria dignidade intelectual.

É o que sucede com esta lamentável interpretação de Joana d'Arc, feita inteiramente «ad usum hitlerianorum».

ROBERTO NOBRE

## BALADINHA

De tanto a cantar noite e dia, eu fui o rouxinol de Bernardim, que, de cantar, cafu na água de cansado...

E a corrente me levou nos brandos braços, embalando meu coração menino e a cantar-lhe baladinhas de saúde.

E longe me vi, triste e aúdosos, longe de tudo e de mim próprio, porque a alma me ficara escrava daquela por quem eu cantava noite e dia...

O mundo era árido, não no conhecia eu, e pelo mundo andei perdido, que o meu destino era perder-me...

— Quem és? — me perguntavam.

— A lágrima mais triste que os olhos de mãe ainda choraram! Sou um mendigo que não tem de seu o coração sequer... E eu era rico: rico de amor e ventura, tão rico, que outro mais rico não podia haver... Altas tórreres de oiro do meu Sonho, às altas tórreres de oiro eu subia para de tão alto a ver melhor e cantar os seus olhos negros, mas que iluminavam mais que a luz do sol...

Sem pão, sem lar, rôto e descalço, sangravam feridas nos meus pés e no meu coração também... E nem um bálsamo para as curar, que elas eram remédio...

Vagabundo, à chuva e ao sol, eu fui um estranho na minha própria terra; tão estranho que as almas não me entendiam, nem eu entendia as almas que me falavam. É que a grandeza de certas dores nem todos podem sentir e compreender...

E caminheiro da desventura, sem canso caminhei...

Corações leais me deram poisada e consoladores lumes para me aquecer, mas através deles — ai de mim! — eu só a via a ela, os seus olhos negros, de cerração, mas que brilhavam mais na minha vida que o próprio sol; os olhos dessa que eu cantava a toda a hora, das altas tórreres de oiro do meu Sonho...

Meus jardins suspensos — lindos e deliciosos Semiramis! — uma côr lilaz, desolada, embebeu seu colorido. Já não há rosas nêles, nem os cravos vermelhos põem volúpias loucas pelas cutis perfumadas dos canteiros. Nem rosas, nem cravos rubros, que a Dor tudo mudou num campo de mártirios, num campo árido e imenso, sem os gorgeios e as asas de todo esse mundo alado dos meus desejos e ilusões...

O que eu então via era miragem só; doce miragem da minha alma enamorada, que o amor é como o sonho, tudo alinda e divinisa; que o amor, doce loucura, é a embriaguês da alma e dos sentidos...

BOAVENTURA PASSOS

### «O Diabo» no estrangeiro

O excelente diário madrileno «Política», reproduziu de «O Diabo» a composição artística «A paz e as Nações».

## Transcrições

«A Montanha», do Pôrto, e o «Diário do Alentejo» transcreveram de «O Diabo» o artigo «Valorização da inteligência», do nosso querido camarada de redacção Julião Quintinha.

— Também o «Combate», de Viseu, transcreveu a notícia «Os músicos e o desemprego», e a «Independência de Agueda» a entrevista publicada no nosso jornal e na qual depoz a poetisa D. Eloísa Cid.

— O jornal «A Notícia», de Luanda, transcreveu de «O Diabo», a notícia «Os intelectuais e o chapéu».

— Também «O Diário do Alentejo», transcreveu do nosso jornal, a nota «Ainda há quem tenha fome...». Aos nossos colegas agradecemos.



## O Meu Segredo de Beleza provém da Corola das Flores

Aa mulheres que vivem perto das regiões do Sul da França, onde se fabricam os perfumes, conhecem já as maravilhosas propriedades de embranquecer e embelezar a pele, duma cera virgem que a natureza colocou na corola das flores. Depois de extraída e refinada, esta delicada substância untuosa, chamada Cire Aseptine, actua sobre a pele com estranha magia. Aplicada à noite, antes do deitar, amacia e amolece a camada externa, rija e rugosa, da pele e fá-la destacar-se em pequenas partículas. De manhã, revela-se a nova beleza duma pele branca e fresca, insuspeita até então. Os poros dilatados, os pontos negros, as sardas e outras imperfeições desapareceram. Esta Cire Aseptine transformou tão maravilhosamente a pele do meu rosto, escura e salpicada de sardas, que passei a aplicá-la também nos meus ombros, braços e mãos. É tão prática, tão simples e tão barata! Pode adquirir esta cera mágica de beleza nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, pode escrever ao Depósito Aseptine de Lisboa,